

LETRAMENTO EM MATERIAIS DIDÁTICOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA

LUCIANA CASTELANI CASIMIRO OLIVEIRA (UNIVERSIDADE CRUZEIRO DO SUL).

Resumo

Esse estudo tem como enfoque principal a descrição e análise do letramento em materiais didáticos e das práticas de leitura desenvolvidas nas salas de aula da Educação Básica. Sabemos que alfabetização e letramento podem ocorrer ao mesmo tempo, no entanto, para que esse processo aconteça é preciso que o aluno esteja inserido numa importante estratégia didática: diversidade textual. Para aprender a ler é fundamental interagir com textos escritos. Pretendemos, por meio desta pesquisa, identificar as propostas de leitura apresentadas nos documentos oficiais (PCNs, Orientações Curriculares); identificar os conceitos atribuídos ao letramento nos materiais didáticos; descrever o ensino de leitura realizado nos processos de alfabetização na Educação Básica; analisar os materiais didáticos em sala de aula e a sua importância para o processo de ensino e aprendizagem da leitura. Para tanto, optamos por uma abordagem qualitativa, permitindo a realização de uma pesquisa que descreva as situações concretas e a intervenção do pesquisador em função da resolução de problemas detectados, pois a pesquisa-ação exigirá uma relação entre pesquisador e pessoas da situação investigadora e participativa. O pesquisador compreende, interpreta e contribui para a descoberta de novos “fenômenos”. A pesquisa encontra-se em processo e está fundamentada nos pressupostos teóricos sobre letramento, leitura, gênero do discurso e intervenção verbal. Embora os resultados sejam parciais, de acordo com leituras e estudo de campo, a pesquisa forneceu conhecimentos no que se refere aos conceitos de alfabetização e letramento. Quanto aos materiais didáticos utilizados no processo de alfabetização foi possível obter conhecimentos que, inicialmente, permitem refletir sobre um novo modo de planejar contemplando ações que possibilitem a formação de pessoas alfabetizadas e letradas.

Palavras-chave:

Letramento, Alfabetização, Leitura .

Neste trabalho, o objetivo é estudar a importância do letramento com foco em leitura nas séries iniciais do ensino fundamental e compreender a eficácia dos materiais didáticos utilizados em sala de aula de 1ª série. Localizada na escola Luiz Gonzaga Carvalho Melo Prof, residente a Rua Antônio de Toledo Lara filho, 116. O alvo central foi descrever as atividades didáticas quanto ao letramento em materiais didáticos do Ensino Fundamental básico.

Magda Soares, no artigo “O que é letramento?”^[1], afirma que “letrar é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno”. É preciso ir além do analfabetismo funcional (pessoas que foram alfabetizadas, mas não sabem fazer uso da leitura) a pesquisadora defende que o letramento é um sentido ampliado da alfabetização, acrescentando, que não adianta aprender o código e a mecânica e depois não saber usá-lo.

A educadora argumenta que a criança precisa ser alfabetizada convivendo com material escrito de qualidade, ou seja, jornais, revistas e livros e, afirma que, é possível alfabetizar letrando por meio da prática da leitura e escrita.

Posição semelhante pode ser encontrada no texto dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). O documento explica que o letramento ocorre mediante uma prática constante de leitura de textos com uma diversidade de textos que circulam socialmente. O documento destaca a diferença que existe entre ensinar a ler e formar leitores competentes. Ensinar a ler se resume em decodificar qualquer texto, porém, sem uma construção de sentido e entendimento. Isso resulta numa visão empobrecida da leitura.

Mas formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê, que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos: que estabeleça relações entre o texto que lê e outros já lidos; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto; que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos.

Segundo os PCNs, para que se forme um leitor competente é preciso um trabalho com a diversidade textual. Rojo no seu artigo “Concepção de leitor e produtor de textos nos PCNs: ler é melhor que estudar”[2], afirma que as práticas didáticas de leitura e letramento escolar desenvolvem somente uma pequena parcela de capacidades envolvidas nas práticas letradas exigidas pela sociedade, aquelas que interessam à leitura para o estudo nas escolas. Mas, afirma a pesquisadora, ser letrado e ler na vida é muito mais que decifrar letras; é escapar da literalidade dos textos e interpretá-los, colocando-os em relação com outros textos e discursos, de maneira situada na realidade social, é discutir com os textos, replicando e avaliando posições e ideologias que constituem seus sentidos, é enfim, trazer o texto para a vida e colocá-lo em relação a ela.

De acordo com a lingüista, o letramento não se resume apenas a uma apropriação do conhecimento das letras do alfabeto, mas é um processo de apropriação das práticas sociais de leitura e de escrita e, naturalmente, das capacidades nelas envolvidas.

Compreendemos que alfabetização e letramento devem ocorrer em um mesmo tempo. Aprender a ler não se resume simplesmente em decodificar palavras, mas, compreender e refletir sobre o significado do que foi lido, tirando conclusões e fazendo julgamentos sobre o conteúdo. Como dizia Mário Quintana analfabeto é precisamente aquele que, sabendo ler, não lê.

Foi realizada uma pesquisa do cotidiano da sala de aula, em que se teve a oportunidade de refletir sobre as práticas dentro da mesma e uma pesquisa-ação, com reflexão permanente

sobre a prática, realizando um esforço de compreensão ativa, a partir de um mergulho no cotidiano.

A pesquisa voltou-se para a descrição de situações concretas e para a intervenção da pesquisadora em função da resolução dos problemas detectados, pois a pesquisa-ação exige uma relação entre pesquisadores e pessoas da situação investigada. O período utilizado na coleta dos dados foi entre os meses de agosto a dezembro do ano de 2008. Os estudos que temos desenvolvido no âmbito do Programa Ler e Escrever, desde 2007, tem elucidado diversos problemas relacionados ao letramento com foco em leitura que permitiu uma análise minuciosa dos fatos. Ao observar os materiais didáticos utilizados, pudemos constatar que existe uma preocupação com ênfase maior na escrita e a leitura acaba se tornando uma consequência.

CONCEITO DE LETRAMENTO COM FOCO EM LEITURA

O sucesso da alfabetização é o principal objetivo de um professor que leciona no Ensino Fundamental básico, porém, a palavra letramento é pouco citada e compreendida. Se os professores da escola estadual tivessem conhecimento do que significa letrar, com certeza escolheriam materiais didáticos mais adequados à realidade de seus alunos. É preciso compreender que um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado, como afirma (Soares, 2002: 39): “[...] alfabetizado é aquele que aprendeu a ler e escrever, e, o letrado é aquele que, além de saber ler e escrever usa socialmente a leitura e a escrita, praticando-as e responde às demandas sociais das mesmas”.

O processo de alfabetização e de letramento pode ocorrer em um mesmo tempo. O aprendizado torna-se muito mais prazeroso quando passamos a construir sentido do que aprendemos. Observar uma criança que ainda não sabe ler, pegar um livro e misturar o literal do texto com a sua própria interpretação é fascinante. É como soltar um pássaro engaiolado para voar, permitindo assim, o nascimento de um leitor competente. (Cagliari, 1998) explica:

É preciso que o professor alfabetizador, desde o início, trate de maneira muito cuidadosa da produção de leitura em silêncio e em voz alta. Os alunos devem seguir a lei da fidelidade ao literal do texto sem deixar de lado a própria reflexão que corre em paralelo à mensagem do autor do texto (p.317)

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc. Não se trata simplesmente de extrair informação da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na quais os sentidos começam a ser constituídos antes da leitura propriamente dita. Para (Soares,2002):

[...] a leitura estende-se da habilidade de traduzir em sons sílabas sem sentido a habilidades cognitivas e metacognitivas; inclui, dentre outras: a habilidade de decodificar símbolos escritos; a habilidade de captar significados; a capacidade de interpretar seqüências de idéias e eventos, analogias, comparações, linguagem figurada, relações complexas, anáforas; e, ainda, a habilidade de fazer previsões iniciais sobre o sentido do texto, de construir significado combinando conhecimentos prévios e informação textual, de monitorar a compreensão e modificar previsões iniciais quando necessário, de refletir sobre o significado do que foi lido, tirando conclusões e fazendo julgamento sobre o conteúdo (p.69).

Segundo os PCNs, a principal estratégia didática de leitura é o trabalho com a diversidade textual. É necessário considerar os diferentes gêneros discursivos que circulam na sociedade e que estão presente no mundo. Compreender as funções da língua escrita na sociedade é essencial para a formação de um leitor competente. Dessa forma, traz-se a vida para dentro da escola. A leitura e a escrita são objetos sociais e não objetos exclusivamente escolares. A escola deve ser funcional. Não adianta ensinar um amontoado de conteúdos para serem utilizados somente no espaço escolar, é necessário transportar esses conhecimentos para vida prática tornando o ensino mais prazeroso e eficiente.

O documento destaca ainda que a escola vem produzindo uma grande quantidade de leitores capazes de decodificar qualquer texto, mas com enorme dificuldade para compreender o que tentam ler. Essa é uma questão crucial, pois se o aluno não é capaz de construir sentido e interpretar um texto é porque essa técnica não foi desenvolvida.

A ausência do gênero na sala de aula é também um problema de letramento. O professor, sem formação adequada e informação suficiente, não apresenta um nível de leitura que lhe possibilite ampla compreensão dos documentos oficiais de ensino. É possível arriscar em dizer, que, o que existe nas escolas é uma repetição no trabalho com ensino de língua na sala de aula: ainda é somente o gênero escolarizado de escrita e leitura que se ensina e se aprende.

Infelizmente, há uma distância entre o que dizem os PCNs e a prática efetiva do professor. Não basta mais somente aprender a ler e a escrever, é preciso usar a escrita no cotidiano e ter competências para usar a leitura e a escrita nas práticas sociais, pois o uso da língua pressupõe o uso de gênero sobre o gênero discursivo. É importante resgatar o que afirmam os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1997), recuperando a concepção de interação verbal:

Para aprender a ler, é preciso interagir com a diversidade de textos escritos, testemunhar a utilização que os já leitores fazem deles e participar de atos de leitura de fato; é preciso negociar o conhecimento que já se tem e o que é apresentado pelo texto, o que está atrás e diante dos olhos, recebendo incentivo e ajuda de leitores experientes. (p.42 e 43).

Ao relatar a importância da utilização dos gêneros de discurso na esfera escolar não podemos deixar de mencionar a escolha do material didático no âmbito educacional como processo de aprendizagem. Rojo, embasada na teoria de enunciações e gêneros do Círculo de Bakhtin, para esmiuçar como deve ser uma aula dialogada, cita os seus elementos principais: estilo, tema, ordem composicional e os conceitos de esfera. Segundo a autora, explorar os gêneros na sala de aula é algo enriquecedor e acrescenta que substituir a leitura rápida e superficial mecanizada dos textos, por formas criativas e a refração dos sentidos dos enunciados é essencial para escola contemporânea.

A proposta de Rojo é construir uma seqüência de atividades didáticas articuladas, com um sistema de gêneros específicos[3]. As escolhas feitas dos gêneros na aula dialogada não podem ser neutras, escolher o estilo de gêneros de acordo com a realidade dos alunos, ou seja, com textos que circulam na sociedade convoca a uma atitude receptiva e argumentativa, favorecendo um aprendizado extracurricular.

Tendo como apoio as propostas apresentadas nos PCNs, podemos compreender que o corpo docente precisa ter clareza do que significa letramento e gênero discursivo. É necessário ir além do processo de “ensinar a ler e escrever” para desenvolver um trabalho que contribua para a formação de leitores competentes.

ANÁLISE DOS DADOS

No primeiro ano do Ensino Fundamental básico da escola Luiz Gonzaga, o livro escolhido pelas professoras de acordo com o GUIA DE LIVROS DIDÁTICOS-PNLD2007- (Carvalho, Aloma Fernandes e Mingúes, Elaine. *Alfabetização*. Ponto de partida. São Paulo: Sarandi, 2005).

Embora o livro didático tenha sido aprovado pelo PNLD 2007, oferece um respaldo ao professor somente com relação a um repertório de palavras fixas e as relações entre grafemas e fonemas, deixando muito a desejar no que tange as atividades de leitura, que ocorrem portanto, de forma insuficiente para o desenvolvimento de habilidades e de capacidades associadas à formação de um leitor autônomo.

Considerando essa realidade, compreendemos então que o professor deverá utilizar uma complementação para suprir a lacuna que existe com relação ao trabalho de leitura. É importante destacar que o PNLD 2007 oferece cerca de quarenta e sete exemplares, fornecendo aos professores total liberdade de escolha.

Na sala de aula a professora se organiza com folhas avulsas, muitas vezes ilegíveis e incorretas e trabalha com textos somente com a intenção de fazer com que exista o aprendizado dos fonemas e grafemas. São textos que na maioria das vezes não fazem parte da realidade das crianças, tornando a leitura algo muito mecânico.

Podemos citar aqui Ferreiro: “[...] as crianças tendem espontaneamente a pensar, e toda proposta pedagógica que as obrigue a renunciar a compreender dificulta a aprendizagem.” (FERREIRO 1992:35)

Quando havia atividades com textos, destinava pouca ênfase para compreensão e construção de sentido com relação à leitura. A contação de histórias, a roda de conversa, o cantinho de leitura, como também o trabalho com a diversidade de textos eram objetos de ensino excluídos pela docente. A professora costumava ler rapidamente o texto, sem fazer nenhuma pausa, sua tonalidade de voz era a mesma do início ao final da história. As crianças não tinham a oportunidade de explorar e compreender o texto, tanto que quando a professora fazia a interpretação do texto, as crianças ficavam perdidas, com uma imensa dificuldade de realizar a atividade.

Essa concepção da professora referente à leitura e a escolha de materiais didáticos nos faz refletir sobre o conhecimento que ela tinha com relação ao letramento.

É importante resgatar o que os Parâmetros Curriculares Nacionais dizem com relação aos materiais didáticos feitos para ler: “Os materiais feitos exclusivamente para ensinar a ler não são bons para aprender a ler: têm servido apenas para ensinar a decodificar.” (Brasil,1997:42)

Na prova do Saresp 2007(Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo) foi proposta uma atividade de escrita de uma carta em que o aluno deveria escrever para o príncipe contando-lhe a quem pertencia o pé de sapato que ele encontrou e como fazer para achar a sua amada. Os alunos tiveram uma imensa dificuldade de elaborar uma carta, e, o pior, muitos nem conheciam corretamente a história da “Cinderela”, dificultando ainda mais o desenvolvimento da escrita. Anexo II e III.

A ausência de trabalhos com foco em letramento, permitiu que as crianças do primeiro ano do Ensino Fundamental básico, não desenvolvessem uma escrita com qualidade. Os alunos ficaram pensativos sem saber ao certo o que iam escrever. Foi uma dificuldade muito grande. Ao resgatar o que os PCNs (Brasil, 1997) trazem como proposta quanto ao leitor competente podemos compreender que existe uma distância muito grande para a realidade citada acima:

Um leitor competente é alguém que, por iniciativa própria, é capaz de selecionar, dentre os trechos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a uma necessidade sua. Que consegue utilizar estratégias de leitura adequada para abordá-los de forma a tender a essa necessidade.(p.41)

De acordo com os PCNs a leitura, por um lado, nos fornece a matéria prima para a escrita: o escrever e por outro lado, contribui para a constituição de modelos: como escrever. Portanto o trabalho de letramento com foco em leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de escritores, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura.

Seguindo a linha da proposta dos PCNs podemos compreender que se o objetivo é formar cidadãos capazes de compreender os diferentes textos com os quais se defrontam, é preciso organizar o trabalho educativo para que aprendam isso na escola. Principalmente quando os alunos não têm contato sistemático com bons materiais de leitura e com adultos leitores, quando não participam de práticas onde ler é indispensável, a escola deve oferecer materiais de qualidade, modelos de leitores proficientes e práticas de leitura eficazes.

Podemos trazer à tona uma análise realizada pela estudiosa (Soares, 2008):

Menina, nível socioeconômico alto, 2º ano. Anexo IV (p.68)

Ao observar as duas escritas podemos compreender que a diferença entre os textos é clara. No primeiro texto a menina cria um mundo por meio da linguagem e consegue fazer referências ao mundo real. Já no segundo texto observamos que a função da escrita é quase que exclusivamente pessoal. Segundo Soares, o contexto cultural influencia nesta construção e a criança que pertence a uma classe social mais privilegiada tende a dominar com maior facilidade as funções da língua escrita. Segundo a pesquisadora as crianças das classes mais favorecidas convivem com livros, e ouvem histórias que lhes lêem, e, logo percebem que os textos da cartilha não são textos “ para ler”, são frases para “aprender a ler” e que as “composições” ou os exercícios de “expressão escrita” que fazem são apenas para “aprender a escrever”.

Ao contrário, as crianças das camadas populares que em geral, não convivem com livros nem têm quem lhes leia histórias, que quando escrevem buscam obedecer o modelo das “cartilhas” ou dos “livros acartilhados”. Esse modelo implica em uma escrita sem coesão, coerência e unidade temática.

Segundo o PNLL uma das principais causas do elevado índice de alfabetismo funcional e das dificuldades generalizadas para a compreensão vertical da informação escrita se localiza na crônica falta de contato com a leitura, sobretudo entre as populações mais pobres. Como os investimentos para combater o analfabetismo têm sido crescentes nos últimos anos, isso equivale a dizer que ao mesmo tempo em que milhões de brasileiros ingressam a cada ano na categoria de leitores em potencial, outros milhões saem pela porta dos fundos – a do alfabetismo funcional. Assim, um formidável conjunto de esforços, energia e investimentos públicos e privados não se realizam plenamente, não atingindo suas finalidades.

Em 25/09/2008 o Jornal Estado de São Paulo publicou um artigo que revela a conseqüência trágica dos efeitos da escola pública que garante o acesso, mas não estabelece a qualidade de ensino. Os estudantes não foram capazes de redigir um bilhete simples. Ao considerar a idade (10 à 14 anos) podemos compreender que nesta fase a criança já deve ter um domínio maior da língua e saber compreender e estabelecer sentido daquilo que escreve.

Notamos que as crianças escrevem exatamente como falam e não conseguem distinguir a língua falada e a língua escrita. No arquivo anexo I

Diante desse esclarecimento gostaria de apresentar uma atividade didática realizada pela professora Márcia com a turma do primeiro ano do Ensino Fundamental básico. Márcia

terminou o curso de pedagogia em 2006 e leciona há mais de dez anos. Na ocasião trabalhava no período matutino na escola particular (Salmeron) e no período da tarde na escola estadual (Luiz Gonzaga). A atividade abaixo retrata nitidamente que a educadora se preocupava apenas com a escrita e demonstrava pouco conhecimento sobre letramento e as práticas de leitura.

<p>ANEXO VI</p> <p>ATIVIDADE DIDÁTICA</p>	<p>Descrição do objeto</p> <p>Lado esquerdo: desenho de um peru com dúvida entre o uso dos dígrafos “nhá”, “cho”, “lha”, “nho”, “cha”.</p> <p>Lado direito: uso do gênero parlenda que, geralmente, traz uma arrumação de palavras sem acompanhamento de melodia, mas às vezes rimada, obedecendo a um ritmo.</p> <ul style="list-style-type: none">• No texto, cada frase recupera uma palavra incompleta, e ao aluno é solicitado que ele preencha esta sílaba.• 16ª linha da parlenda, a última palavra da frase exige um preenchimento não somente da sílaba “cho” indicada na cabeça do peru, mas “chou”.
---	--

ANÁLISE

-O ensino da escrita fica circunscrito à marca de uso: o dígrafo torna-se simples representação de seqüência de consoantes e vogais;

-A atividade escrita coloca foco somente no emprego da sílaba sem considerar o sentido que o texto cria para o aluno;

- Incentivo para que o aluno copie a sílaba sem explorar as marcas fonológica sintática e semântica;

- Escrita relacionada ao reconhecimento das letras sem articular as palavras na parlenda;

- Constatação: a proposta marcada pelo título “Descubra o segredo” deixa de acontecer porque o aluno não descobre o segredo do sentido das palavras articuladas ao texto. Um outro segredo está presente: o preenchimento das sílabas é repetitivo e sem que o aluno estabeleça relações de sentido.

O material didático e a importância de “ler e escrever”

Os materiais didáticos devem ser ricos e trazer à tona textos que circulam na sociedade. A criança deve estar inserida em um contexto real: rótulos, jornal, revistas, bula de remédio e receita culinária devem fazer parte das estratégias didáticas utilizadas no cotidiano, afinal são esses gêneros que fazem parte do mundo que a criança participa. Os textos repetitivos são utilizados para ensinar a escrever e não a ler. É preciso fazer com que as crianças construam sentido daquilo que lêem e compreendam a importância da leitura em um horizonte mais ampliado de maneira que logo, no primeiro ano escolar os alunos compreendam a importância da leitura tal qual da escrita.

A formação de leitores e escritores: aprender a escrever “lendo”. Leitura, escrita e construção de uma escola cidadã.

As professoras podem alfabetizar e letrar ao mesmo tempo, mas para que esse processo ocorra os docentes devem elaborar estratégias didáticas que permitam esta junção e se obtenha êxito. Só assim a famosa frase “aprendi a ler e a escrever” terá sentido. Podemos trazer a memória neste momento nosso eterno educador Paulo Freire que dizia que a educação precisa ir além do método, as repetições não passavam de um processo bancário, onde o indivíduo apenas recebia. É preciso formar desde os primeiros anos escolares, um cidadão crítico que saiba se expressar e que compreenda e saiba se posicionar e participar de maneira ativa em meio as questões da sociedade e para que o sujeito tenha uma leitura de mundo qualificada é necessário que saiba ler e escrever com competências e habilidades potencializadas, compreendendo qualquer tipo de texto.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais* : primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetizando Sem O Ba - Bé - Bí- Bó- Bu*. São Paulo: Spione, 1998.

CEALE. *Acompanhando e avaliando*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, 2003

Guia do livro didático 2007: séries/ anos iniciais do ensino fundamental/ Secretaria de Educação Básica. – Brasília: Ministério da Educação Básica, 2006.

SOARES, M.B. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

_____.O que é letramento? São Paulo: DIÁRIO DO GRANDE ABC, 2003.

_____.Alfabetização e letramento. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

ROJO, R.H.R.Gênero do discurso no círculo de Bakhtin - *Ferramentas para a análise transdisciplinar de enunciados em dispositivos e práticas didáticas*. In: SIMPÓSIO IN DE ESTUDOS DE GÊNEROS TEXTUAIS (SIGET), 4., Tubarão, SC. **Anais...** Tubarão: UNISUL, 2007. p. 1761-1775.

ROJO,R.H.R.*A prática da linguagem em sala de aula : praticando os PCNs*.São Paulo: EDUC/ Campinas: Mercado de Letras, 2000.

ROJO, R. H. R. Alfabetização e letramento: sedimentação de práticas e (des)articulação de objetos de ensino. *Perspectiva* (Florianópolis), v. 24, p. 569-596, 2006.

[1] Artigo disponível no site www.redenoarsa.com.br/biblioteca/29se08, em 28 de maio de 2008.

[2] Artigo disponível no site www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2004/ale/tetxt5.htm, em 26 de maio de 2008.

[3] O professor atua definindo os gêneros e atividades, medindo e criando oportunidades e expectativas de aprendizagem.

ANEXO I

Estudantes não conseguem redigir um bilhete simples

Os bilhetes enviados foram escritos por crianças de 10 a 14 anos que estudam em escolas públicas de São Paulo. Elas foram convidadas a escrever um recado para o professor justificando a falta em um dia letivo.

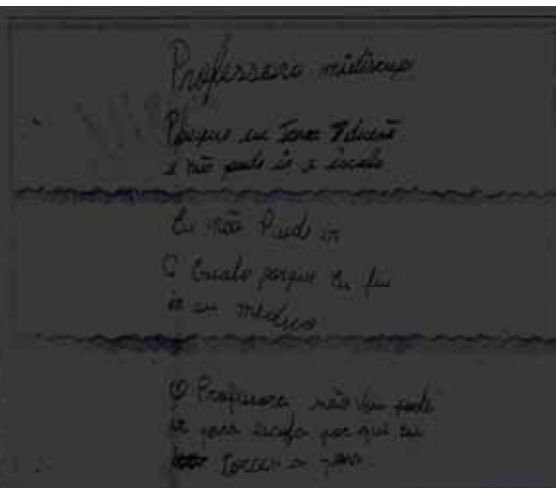
A experiência aconteceu na tarde-feira 14 de maio na festa próxima à Marginal do Tietê, no bairro de Limão, uma noite de São Paulo. À reportagem do Estado visitamos algumas famílias em companhia da presidente da Associação de Mães e Tutores, Ana Paula Galrici.

Dois partes dos bilhetes estava no chão, pela a prefeitura está transferindo os professores para edificar no local prédios

populares. "Havia mais de 400 famílias aqui", afirma Ana Paula. "Agora, há menos de 100." Ela conta que, muitas vezes, falta água. Algumas vezes estão cobertas de barro. Várias casas têm gatilhos e esbarrões. As crianças explicam que o pai se ocupará de tudo.

A professora de língua portuguesa, Regina Célia, afirma que é muito fácil culpar a escola pelos problemas na alfabetização. "As crianças chegam com múltiplos problemas na escola", pondera Regina. "Um grande desafio das mães é..." Ela dá aulas em uma escola estadual de Capão Redondo, em São Paulo. ■

ALZABETE SOUZA




ESCOLA IMPOTENTE - Foi cedida a alunos que justificassem uma falta, de 7 bilhetes, 7 continham erros

1ª SÉRIE EF TARDE

Língua Portuguesa

1ª Série Ensino Fundamental Tarde

Nome do aluno: _____

1. Vocês:  

2. Idade: _____

Para uso do solicitador

Nome da escola: _____

Turma: _____

Mês de entrega do teste: _____

Quanto você chegou a acertar?

a) 0/10 questões

b) de 1 a 5 questões

c) de 6 a 10 questões

Número de questões:



SARESP
Sistema de Avaliação em Rede Estadual de São Paulo

ANEXO IV

Se eu pudesse ser a força do coração

Se eu pudesse ser a luz do amor...

Se eu pudesse ser a união entre o homem e uma mulher. Se eu pudesse ser a felicidade do mundo. Se eu pudesse ser uma lágrima, mas uma lágrima de alegria misturada com amor e união. Mas eu não posso...eu só posso ser uma simples menininha de 9 anos de idade que queria ser todas essas coisas. Se eu pudesse ver o menino com um sorriso na cara com os olhos brilhando de felicidade, cantando e brincando na rua. Mas eu não posso ver porque o homem está destruindo o amor e a alegria e criando a violência. Se eu pudesse acabar com a violência e lutar pelo amor, o mundo voltaria a ser aquele mundo cheio de amor carinho e união entre todas as pessoas que existem nele. Se eu pudesse ser um passarinho e sair por aí voando e transportando amor, carinho e união entre as pessoas...

Ah! Se eu pudesse...

ANEXO V


Se eu pudesse ter mais amor no coração, se eu pudesse ser mais humilde. Se eu pudesse comprar um passarinho, um papagaio, uma boneca, um macaquinho, brinquedos para meus sobrinhos, roupas para mim, para minha mãe.

Se eu pudesse ser obediente mais do que sou, eu pudesse pôr amor nos corações das pessoas, se eu pudesse não brigassem um com o outro, se eu pudesse fazer que as mães não batam muitos nos filhos. Isso tudo eu fazia se eu pudesse.

ANEXO VI

③ DESCUBRA O SEGREDO





A GALINHA

A GALINHA PINTADO
E O GALO CARITÓ.
A GALINHA VESTE SAIA
E O GALO PALETÓ
A GALI FICOU DOENTE
E O GALO NEM SE TOCOU
O PINTI QUE ERA INTELIGENTE
FOI LOGO MAR O DOUTOR
O DOUTOR ERA O PERU
A ENFERMEIRA ERA O TATU
E A AGU DA INJEÇÃO
ERA A PENA DO PAYÃO
SE DOUTOR, O REMÉDIO
NÃO ADIANTOU
QUANDO FOI MEIA-NOITE
A GALI SE ESPI .